

EDITORIAL

Elma Lourdes Campos Pavone Zoboli

Enfermeira, livre docente, Professora Associada do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Membro da Comissão de Bioética do HCFMUSP; Membro da Câmara Técnica de Bioética do CRM-SP e do CFM

BIOÉTICA E ENFERMAGEM

Desde o início de sua institucionalização como profissão, é central para a enfermagem a ética em sua formação e prática. A enfermagem realiza-se com a operação de dois componentes igualmente importantes: o técnico-operativo e o ético-moral. Isso abrange tanto a atenção direta aos pacientes quanto a responsabilidade social da enfermeira, como cidadã e membro da equipe de saúde.

Compaginar equilibradamente os elementos técnico e ético no trabalho da enfermagem nem sempre é tarefa fácil. Há cisões contundentes, com supremacia ora de um, ora de outro. É claro que isso repercute na assistência de enfermagem. A ênfase excessiva nos aspectos técnicos, às vezes pelas exigências de produtividade, traz o risco de os procedimentos, rotinas, padronizações tornarem-se o fulcro da prática da enfermeira, em prejuízo de perceber o beneficiário do cuidado como pessoa e fim da atenção prestada. É quando se tem o procedimento pelo procedimento, a técnica pela técnica, sendo o paciente somente um meio para a assistência e a produção dos serviços. Por outro lado, a preocupação exclusiva com a correção moral dos atos pode resultar em ações para manutenção das normas e tradições, sem considerar as inovações e renovações, às vezes, por temor às regras e hierarquias. Nos dois casos, se esvaem a capacidade reflexiva do enfermeiro, sua responsabilidade social e as relações interpessoais. Isto porque os aspectos formais ditados pelos códigos técnicos ou morais, tomados cegamente, ofuscam e impedem o vínculo e a confiança que deveriam pautar a relação de cuidado que é o cerne da enfermagem.

Em outras palavras, na assistência de enfermagem é tarefa desafiadora interligar competência técnica e autonomia profissional com compaixão, sensibilidade e responsabilidade, numa relação de vínculo e confiança com vistas à integralidade dos cuidados prestados. O desafio expressa-se na busca de formas e atitudes para integrar procedimentos técnicos com ações de desvelo, atenção, respeito, acolhimento e preocupação para com a pessoa assistida. Entretanto, muitas vezes ouvimos que não podemos nos envolver com os pacientes, pois se isto acontecer não seremos capazes de fazer-lhes o bem. Mas, como beneficiá-los sem nos aproximarmos? É possível o benefício e cuidado à distância?

A bioética se agregou à construção histórico-social da prática da enfermagem, imprimindo-lhe novos nuances e perspectivas para lidar com esse desafio de mesclar responsavelmente ética e técnica. Como abordagem secular, interdisciplinar, prospectiva e global dos temas de ética nas ciências da vida e da saúde, a Bioética questiona antigas concepções éticas verticais, autoritárias, monolíticas, com deveres, princípios absolutos e aponta para alternativas de caráter horizontal e

democrático, com responsabilidades recíprocas e bilaterais.

Preocupada com a sobrevivência da humanidade e a defesa da vida ameaçada, a Bioética apresenta-se como ponte entre o conhecimento biológico e as humanidades. Na enfermagem, a bioética, com sua transdisciplinaridade, propositura prospectiva, caráter reflexivo-crítico, abertura às circunstâncias da vida, com escuta ativa, diálogo e desconforto frente a atitudes de certeza absoluta e de depositários da verdade, apresenta-se como ponte para a interligação do cuidado-técnica com o cuidado-ética, integrando princípios e valores éticos com a competência técnica, em uma atmosfera de cuidado e responsabilização pelo sofrimento e saúde do outro.

A bioética-ponte lembra-nos que cuidar é ir ao encontro do outro para acompanhá-lo com laços de confiança e vínculo, tendo a enfermeira as funções de perita e conselheira. Perita, pois dispõe dos saberes profissionais e competências que a capacitam para recomendar as melhores intervenções para o paciente. Conselheira, não porque distribui afoitamente conselhos e orientações, mas porque esclarece a pessoa a quem acompanha sobre oportunidades, riscos, dificuldades associadas a cada opção, fomentando escolhas substancialmente autônomas e decisões corresponsavelmente compartilhadas, com acolhimento e escuta ativa.

Com isso, é possível resgatar o momento da assistência de enfermagem como espaço privilegiado de encontros de intersubjetividades e biografias, tendo compaixão pelo sofrimento das pessoas, especialmente os vulneráveis que requerem cuidado, e sensibilidade para sentir-se afetado e responsabilizar-se pelo atendimento competente às concretas necessidades humanas relativas ao processo saúde-doença. Assim, cai a barreira da racionalidade fria e abstrata para dar lugar à essência do cuidado. A enfermeira deixa de esconder-se atrás de seus meios e instrumentos de trabalho como equipamentos, rotinas, técnicas, procedimentos, protocolos, diagnósticos para executar tudo isso encarando o rosto da pessoa que clama pela escuta de sua necessidade, que pede acolhimento para sua vulnerabilidade.

Então, as ações e consultas de enfermagem tornam-se verdadeiros encontros de cuidado, pois enfermeira e paciente se veem como pessoas dignas, cidadãs, merecedoras de igual respeito. Mas, também sabem que, se são iguais em dignidade e cidadania, são diferentes em suas biografias, no momento e nas funções do processo saúde-doença-cuidado em tela. Enfermeira e paciente são iguais em situações distintas, o que gera a necessidade das trocas intersubjetivas para bem cuidar com responsabilidade.

A prática profissional da enfermagem tem um sentido originariamente nela inscrito e que torna possível o sentido do trabalho diário da enfermeira. É um sentido que ultrapassa normas, rotinas, procedimentos e mesmo as atitudes e comportamentos ético-morais, pois requer a mescla justa e equilibrada dos componentes ético e técnico, estando além de ambos. É o sentido do cuidado proficiente, maduro. Muitos ingressam na enfermagem por razões altruísticas, de cuidado e acabam, pela rotina do trabalho, exigências de produtividade em escassez de recursos e grande demandas, perdendo o sentido de seu trabalho e profissão. Mas, há um bem interno à enfermagem: cuidar das pessoas caminhando com elas na busca de sua saúde. Urge preservá-lo e resgatá-lo!

Que a leitura dos artigos desse número da RECOM nos levem a esse resgate do cuidado em meio à aridez do trabalho, funcionando como seiva para os componentes ético e técnico de nossa profissão!